

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
WILLIAM KLEIN À LUZ DO CINEMA
24 e 27 de janeiro de 2025

LE MESSIE / 1999

Um filme de William Klein

Realização: William Klein / Argumento: Charles Jennens / Produção: Michel Rotman / Direção de Fotografia: William Klein, Pascal Martin, Paco Wiser / Montagem: Françoise Arnaud / Gestão de Produção: Daniel Edinger, Marie-Hélène Ranc, Rebecca Webb / Assistência de Realização: Pierre Linhart, Itaka Schlubach, François Vantrou / Som: Frédéric Attal, Dominique Gaborieau / Música: George Frideric Handel / Direção Musical: Marc Minkowski, coro e orquestra de músicas do Louvre – Grenoble / Consultor Musical: Ivan Alexandre / Intérpretes: Charlotte Hellekant (alto), Lynne Dawson (soprano), Nicole Heaston (soprano), Magdalena Kožená (mezzo soprano), Brian Asawa (contratenor), John Mark Ainsley (tenor), Russell Smythe (barítono), Brian Bannatyne-Scott (baixo), Marc Minkowski (Maestro) / Cópia: DCP, cor e preto e branco, intertítulos e legendas em francês, cantado em inglês, legendagem eletrônica em português / Duração: 105 minutos / Estreia Mundial: 22 de dezembro de 1999, França / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira passagem na Cinemateca.

É o gesto ecuménico por excelência da obra de William Klein e também é a sua despedida do mundo da realização, numa obra que fecha a sua filmografia de maneira retumbante, numa espécie de grande “laço” sobre temáticas e linguagem formal características deste que foi um dos maiores fotógrafos do século XX e um cineasta cujo lugar na história do cinema (sobretudo de estilo documental) carece ainda de um reconhecimento à altura de seus feitos. O primeiro aspeto que ressalta nesta interpretação bem *hip* da obra colossal de Handel, que canta a vinda até nós do “King of Kings”, nosso Senhor, Jesus Cristo, é a sua escala operática, por um lado, e a sua digressão e explosão em múltiplas vozes e instrumentos ou, enfim, a sua vertiginosa *coralidade*. Baseada nos escritos sagrados, esta é uma oratória para ser tocada por múltiplos cantores e instrumentistas. Dois mestres, o do imagem, Klein, e o da música, o maestro Marc Minkowski, compõem um espectro imagético-musical de uma plasticidade notável: rostos de todas as cores e corpos de várias configurações formam a paisagem humana do filme. Sem hesitar, o *street photographer* passa dos ensaios da orquestra de Minkowski para as ruas de todo o mundo, de Las Vegas a Andaluzia, passando por Moscovo e Paris.

Na obra de Handel como na obra de Klein, vigora uma dimensão celebratória quase extática que, na sua época, chocou uma parte da opinião pública pelo seu gigantismo e também por causa da sua alegada profanidade. Klein *extravasa* a proposta musical e, à boleia dos números musicais, que vão da espera pelo Messias à sua redenção e paz eterna no além (de “La Nativité” a “La Résurrection”), produz o retrato de uma humanidade que conheceu muito bem, nas suas múltiplas viagens pelo mundo realizadas na qualidade de cineasta e, acima de tudo, de fotógrafo. É um mundo em estado de ebulição aquele que se exhibe aqui, mas esta não deve ser vista como uma pregação sobre o ponto a que chegou a malograda “família do Homem”; antes pelo contrário, **Le Messie** faz-nos ascender aos níveis muitos altos da confraternização humana, entre os mais fracos e miseráveis, tão rapidamente quanto, no “movimento” seguinte, nos faz duvidar da nossa fé na humanidade, em cenas de extrema violência e brutalidade ou de perdição materialista e indiferença moral. Tudo se perpassa: imagens de rituais de celebração da chegada do Messias

cruzam-se com *footage* de conflitos armados onde reina a desordem e a barbárie... e, depois, na América, qual babilónia do mundo moderno, incensa-se o êxtase na devoção ao Deus-dinheiro nos casinos e em outros “lugares de culto” capitalistas. Esta visão cósmica ou metafísica remete-nos, numa primeira instância, para o “clássico *new age*” **Koyaanisqatsi** (1982) de Godfrey Reggio (*vide* os efeitos de aceleração da imagem de multidões que se confundem com formigas), ainda que o tom mais acerbo e satírico, pontuado por choques produzidos entre as imagens e, muitas vezes, rasgando a música sagrada de Handel, aproxime a visão de Klein da de outros cineastas, menos “holísticos” ou mais terrenos e até “terroristas”, como Alexander Kluge e Jean-Luc Godard. Pois o sagrado é sempre desafi(n)ado pelo mundano e a crença na humanidade vai *dançando* ao som da desesperança e miséria “da outra parte”, aquela que Baudelaire designava por “os danados da vida”. Alguns dos momentos mais autênticos e emotivos nascem do contacto da câmara de Klein, sempre quase à flor da pele de rostos “em implosão”, com intérpretes da música de Handel filmados lá fora, nos recantos mais escondidos – e esquecidos – da sociedade, destacando-se a interpretação levada a cabo pelos coros de presidiários e de toxicodependentes em recuperação, ambos cantando em inglês da América e conferindo uma tonalidade inesperada à obra de Handel.

Apesar deste sobrevoo pelo mundo, numa versão *não* exploratória dos documentários (empolados e sensacionais) inicialmente produzidos em Itália nos anos 60, mais conhecidos como “mondo films”, **Le Messie** é Handel/Minkowski e Klein a virarem o espelho para o mundo, como quem pergunta à audiência: “Quer fazer parte deste coro?” Ou como quem dispara: “Quer fazer parte da celebração?” A resposta não é inequívoca no final e, para isso, muito contribui o grau de concentração do olhar de Klein sobre o país que este sempre adorou odiar: a América do seu nascimento mas não da sua cidadania, uma vez que Klein sempre renegou as suas origens, exprimindo-se na língua de Flaubert e tirando partido do epíteto de “Frenchie” na América a que nunca quis regressar como “real American”. Começamos nos casinos de Trump e percorremos, como já antes fizera Klein em **Broadway by Light** (1958), o maremoto de sinais e palavras de ordem que invade a paisagem americana. A mensagem mais política deste filme radica, a meu ver, entre o Deus que se canta por via da partitura de Handel e aquele que recua, estupefacto e horrorizado, com o avançar impante de um deus menor chamado dinheiro. O êxtase vira-se demasiadas vezes para ele neste filme em que, na terceira e última parte, se canta: “If God be for us, who can be against us?” Estaremos nós, apesar de nós mesmos, à altura das graças de tamanho conforto? Ou, porque “Deus dá, Deus tira”, deixar-nos-emos iludir maximamente por ele?

Luís Mendonça